

POCESSÃO DEMONÍACA



Por

JOÃO TENÓRIO MAIA

LISBOA, 1010
EDIÇÕES LICANTRÓPICAS



Participação ao Senhor Candidato Vieira.

Senhor Candidato, dirijo o meu apelo não só a V. Ex^a. como a qualquer outro que se apresente na circunstância nos moldes em que V. Ex^a. se propõe. O que lhe trago é uma quixa em relação à qual sei que mais nenhum eleito me trará o valimento de que V. Ex^a. é capaz. Assim, assaltado pelo próprio satanás e seus sequazes, lhe apresento o processo que abaixo é descrito e ilustrado para que seja público o meu tormento e denunciados os algozes devidamente identificados. Nada mais acrescento já que bastam as palavras que adiante seguem.

João Tenório Maia
Lisboa, 2010

Advertência

Qualquer semelhança entre os personagens designados e quaisquer outros que possam ter existido em outras épocas, remotas ou românticas será sempre mera coincidência.



POCESSÃO DEMONÍACA

Por

JOÃO TENÓRIO MAIA

I

OS FANTASMAS PANASCAS

Presidia aos brochistas
O infante Dom Henrique,
Sábio muito pouco chique,
No meio de seminaristas,

Em voz altiva, ameaçando,
Plácido, rouco e austero,
Em tom sincero e ingênuo,
Neste rancoroso bando.

Energúmenos de toda
A espécie rodeavam este
Príncipe nefasto deste
Reino infernal para a boda

Com que pretendiam prender-me
No seu Hades de cristãos
A quem chamavam irmãos
E como escravo vender-me.



Os jesuítas ali dentro,
Cada um um totó enorme
De imaginação disforme,
Eram usados no centro,

Panelheiros como são
Os mais eficazes entre
Eles, magrinhos, sem ventre,
De alma e coração malsão,

Ingenuamente perversos,
Apaneiradamente,
Como esta tropa, é evidente,
Compõe sempre nos seus versos.

Filósofo cada um deles,
Nas horas livres fazia,
Inventava, grande azia...
Chalaças bastante reles.

Guardava o próprio Trifauce
Cão ao príncipe do antro a porta
Branca, um bocadinho torta.
Um guarda dizia “Descauce.”

E ali se entrava, descalço.
Se são ali se adoecia,
Se doente se padecia
Neste broche, que precalço...

Sabe-se bem hoje, O infante
Era o próprio Satanaz,
Paneleiro ainda que audaz,
Di-lo qualquer diletante.

Punha recrutas á frente,
Uns paneleiros mazombos.
Alguns fugiam aos tombos,
Gente do Brazil doente.

Os seus grandes cavaleiros
Tinham um ar mais valente,
Com grito rouco e estridente,
Levemente paneleiros

No esforço para assustar,
Próprio mais de pantomina,
Voz austera e libertina
Nesse género alvar.

Fanáticos religiosos
Do catolicismo avaro,
Barroco e talvez ignaro,
Dos altares carunchosos...

Toda aquela pompa tinha,
Durante a eternidade
No Inferno, cheios de piedade,
Nos rios, posto mal da pinha.

II

A VOZ DO TRASEIRO

ou

O TRAQUE

Engasgou-se a fazer broche
Sua alteza D. Miguel,
O tal príncipe cruel,
Bastardo, de sangue boche.

Chupava grandes caralhos
A pretos e a ciganos,
Aos centos todos os anos,
Alimentados a alhos.

E tudo isto era no Inferno
Onde agonizavam todos,
Aos gritos, pareciam doudos,
Agredindo-me no externo,

Supliciando-me, ainda vivo,
Entregue a estes demónios
Onde havia alguns campónios
Com aspecto primitivo.

Não se viam, eram vampiros.
Só de noite os podia ver
A sonhar, sem os temer.
Se os vissem iam achar giros,



Queques da linha, panascas,
Ciganas, nem eram feias...
Putas, vendiam panaceias
Aos lobisomens, as rascas.

Tinha este rei paneleiro
Uma natureza histérica,
Lá da sua região feérica,
Muito estridente e foleiro

Guinchava horas seguidas,
Às vezes noites e dias,
Em obcecadas manias,
Se via pichas erguidas,

Sempre cheio de santidade.
Vendia proxenetismo,
Na voz tinha reumatismo
E nos nervos ansiedade.

Se me via aproximar
Dalguma raparigueca
Guinchava canções à queca
E impedia-a de me amar.

O paradoxal tirano
Tinha uma tara cristã,
Tudo aquilo coisa vã
E bruxaria de cano.

Não se pode imaginar
O transtorno que era aquilo.
Não era homem, era grilo,
Parafusos a saltar...

E chorava baba e ranho
A seguir a estas torturas,
Parecia ter tonturas
Um louco deste tamanho...

Não de pena da sua vítima
Mas por esta o insultar!
Sofria com isto a chorar,
Tendo a coisa por legítima.



Servia-se este panasca
Duma grande legião
Fascista, uma multidão,
Todos e cada um rasca.

Judocas, os legionários
Serviam este maricas,
Casados com gajas ricas,
Todos grandes ordinários,

Querendo vender-me amor
Para assim me aprisionarem
E na legião me alistarem,
Satânico, ali, que horror...

E poderem exercer
Aquela prostituição
No casamento, atenção...
Me terem no seu poder.

Era este paneleiro
Cantor, menino de coro.
Ficava a gente a soro
De ouvir aquele berreiro,

Uma coisa eclesiástica
De barroco genuíno.
Guinchava como um suíno,
Ária sábia e bombástica.

E usava aquela arte tonta
Se queria aterrorizar
Quando queria incomodar,
Como quem faz uma afronta.

Depois chupava o caralho
A sacristães, padres, freiras,
Fossem loiras ou trigueiras,
Travestidas no serralho.

Outras vezes este imundo
Diabo á testa da legião,
Acompanhado do grão
Marajá que no outro mundo

O acompanhava, goês,
Católico e jesuíta,
Fazia soar, com grande fita,
No exército português



Que, submisso, o acompanhava,
Batalhões e regimentos,
Asnos, burros e jumentos,
Cada um dos que alistava,

De voz rouca, farronqueiros,
Fingindo não perceber
A mariquice que é ter
Generais tão paneleiros,

Faziam soar as trombetas
Portuguesas, marciais,
E ouviam-se aqueles metais
Ritmados como punhetas,

Com virtuosismo, é verdade...
Alarido e entusiasmo
Em tom de ameaça e sarcasmo
E mais que tudo maldade,

Desagradável fanfarra
Pelo tom da intenção,
Satânica emoção.
E abria cada um a bocarra,

O rei e o marajá
De guela muito afinada,
barroca e até delicada,
A guinchar a marcha má.

Tinha este rei paneleiro
Uma voz esganiçada,
Assim meio agalinhada,
Meio de peru de poleiro.

Há vozes assim no Inferno.
Vi chineses deformados,
Uns anjos descordenados,
Gente para quem o Inverno

Era eterno lá na morte,
Plácidos, cheio de taoísmo
Que praticavam no abismo,
Monstros eternos, má sorte...

Mas como esta aberração
Não há no Tártaro igual,
Monstruosidade de mal,
Cabeça sem corpo. Não

Percebo como é que faz
Quando se faz enrabar...
Passa os dias a gritar
Este eterno Barrabaz.

No fim chegou o dia porém
E, de pânico, se ouviu
O grito do ímpio, arrepio...
Ouvi-lo era um prazer bem.

Ao outro dia porém
Já o chantagista horrendo,
Um autômato tremendo,
Voltava a apregoar o harém

Que vendia, proxeneta,
Eufórico, a gritar,
A quem pudesse pagar
Em vez de bater punheta.

Acompanhava-o nisto
Donizetti, o romântico,
O contabilista quântico,
Tonto administrador disto.

E fazia ameaças
Este creador operático
Em tom jesuíta e dramático,
Diziam que tinha carraças.

Ao Loyola obedecia
Na venda da meretriz
Ou na compra duma atriz
E broches também fazia.

Insistia nestas práticas,
Lei talvez da natureza,
Este biltre sem pureza,
Com rigor de matemática



E crime de magia negra,
Da forma mais criminosa.
Sofria da doença famosa,
A pederastia grega

Que essa raça contraíu
Antes da guerra de Tróia
Talvez, grande paranóia...
Ou onde desde então caiu.



E fazia isto Dom Miguel
Por vingança de família,
Com persistência e vigília,
Rancor, azedume e fel.

Tinha a casa de Bragança
Este sórdido mistério,
Uns sofriam de despautério,
De ódio mesquinho e vingança.

Seria do sangue Bourbon
Ou de bastardas origens,
Coisas de abissais vertigens,
De degenerados dons.

Este amaricado histórico
Quando me via concentrado
Ficava tão contrariado
Que desatava, colérico,

A guinchar, cadenciado,
Com esmero académico
Num tom de som muito anémico
E enfadonho, ritmado,

Que se não fosse barroco
E guerreiro aquele cântico
Do Inferno e até já romântico
No emotivo, ainda que oco

Seria música de agora,
Dos idos anos noventa,
Essa música noventa
Do século vinte à nora,

Quase à beira do suicídio.
Assim berrava este infante,
Em surdina fatigante,
Pretendendo um regicídio.

E passava horas assim
Enquanto eu lia o Corão,
Nesta chiadeira, o cabrão,
Caguinchas, neste chinfrim...



III

O FANTASMA DA ÓPERA

O fantasma de Caetano
Donizetti, o famoso
Compositor caprichoso
De óperas, fazia por ano

Três ou quatro...vendia putas
Ou melhor, pretendia isso,
Pois sabemos que o chouriço
Queria-o como a batutas,

Enfiado pelo cu.
Este italiano amável,
Sempre de aspecto prestável,
tinha esse vício cru.

De Satã pertencia à seita,
Era demónio, coitado,
Desequilibrado estado.
Devia ser da maleita,

Da mariquice mental.
Guinchava de dia e noite
E usava isso como açoite
Usando um som anormal

Cientificamente usado
Quando ia ao cu ao tirano
D. Miguel, com algum dano...
Chamando-lhe rei amado.

Era este paneleiro,
Tirando a paneleirice
Na qual só a vigarice
Emparceirava primeiro

Nas práticas da primeira,
Um adepto fervoroso
Do casto amor primoroso
Afastado da rameira

Que usava nas traficâncias.
Nada tanto regozijo
Sentia, a cheirar a mijo...
Como ver conter as ancias

Todo o viril mocetão
De quem afastava as belas
Querendo exercer nelas
O proxenetismo, o cabrão!

E era este homem paneleiro,
Vejam bem a indecência!
E usava a inteligência
Também nesta arte, o foleiro.

O energúmeno queria
Dominar a todo o custo
E não funcionando o susto,
Usava a negra magia,

Na qual era grão doutor.
É próprio dos paneleiros
Dominar os seus parceiros,
É este o diabo do amor.

Fazia-se acompanhar
Esta besta de mau porte
De dois pretos que na morte
Loyola lhe foi mandar.

Cada um uma bizarma,
Atletas bastante altos,
Pesados, não davam saltos,
Condenados já no carma

Por crimes de rabichice,
Broches e proxenetismo,
Sacrificados ao abismo,
Nada disto era aldrabice.

Lá fizeram ao doutor
Grão jesuíta cada um
O seu broche, zás-trás-bum,
Que lhe arrebentou com dor

E os mandaram atacar-me.
Na minha virtude, em poucos
Minutos, com guinchos roucos,
Arrebentou ao tocar-me,

Cada um se fez em pó
Por magia negra, coitados.
Mas já estavam condenados,
De chulos não tenho dó.

Assistia a isto o nosso
Maestro paneleirão,
Anjo histérico e cagão,
Tormento não só meu, vosso

Se algum dia vos quizer
Fazer-vos broche também.
Gabava-se ainda e bem
Este homem, meio mulher,

De ter tetas de revista
Própria para camionistas
De outros tempos mais fadistas.
E usava este arrivista





Estes pretos que se viam
Nos quiosques, pendurados,
Na Rambla onde eram mostrados
Em capas que apareciam

Ali de pornografia
Gay já nos anos oitenta,
Mercadoria noventa
Que em Barcelona se via.

Queria este homossexual
Fazer de mim anjo á força,
Ao serviço da tal corça
Da Nazaré,essa tal

Do tal Dom Fuas Roupinho,
Ou seja, a besta era o Diabo,
O encabritado veado.
Passava este imbecilzinho

Os dias na estupidez,
Com mexericos, propostas
De namoricos, apostas,
Uma imbecil sordidez...

Afinal era verdade,
O grande compositor
De óperas chochas de amor,
Essa alma de comadre,

Era um estúpido a valer,
Um fútil, um paneleiro!
Fazer-me sombra, o foleiro,
Era o que queria ver.

E isto por eu ser quem sou,
É preciso ser panasca,
A besta era mesmo rasca...
Um diabo que nunca amou.

E não foi revelação,
Penso isto por dedução,
É a única conclusão...
Categórica a razão

Mo diz com toda a franqueza,
De acordo com o saber
Que construí a aprender
Nos séculos, e a certeza

Mo afirma cheia de rigor:
Este maestro é o maior
Rabo chupa-pichas mor
Do universo, grande horror...

É ter o conhecimento,
Verdade universal,
Deste pormenor do mal,
Esmiuçado monumento.

E assim este alcoviteiro
Ombreava em proxenetismo,
Á venda, á beira do abismo,
Co'a Celestina, o foleiro.

Tinha sido encarcerado
Este grande paneleiro
Pelo padre sobranceiro
Inácio também chamado

Loyola, santo e panasca,
De me matar com barulho.
E exigia, com orgulho,
Esse místico tão rasca,

Que o trabalho fosse feito.
Donizetti submetia-se,
Ao lado o tirano ria-se,
Sarcástico e satisfeito.

Enrabava um e outro
O santo do cristianismo
Que os montava, com cinismo,
Pelo cu como a um potro.